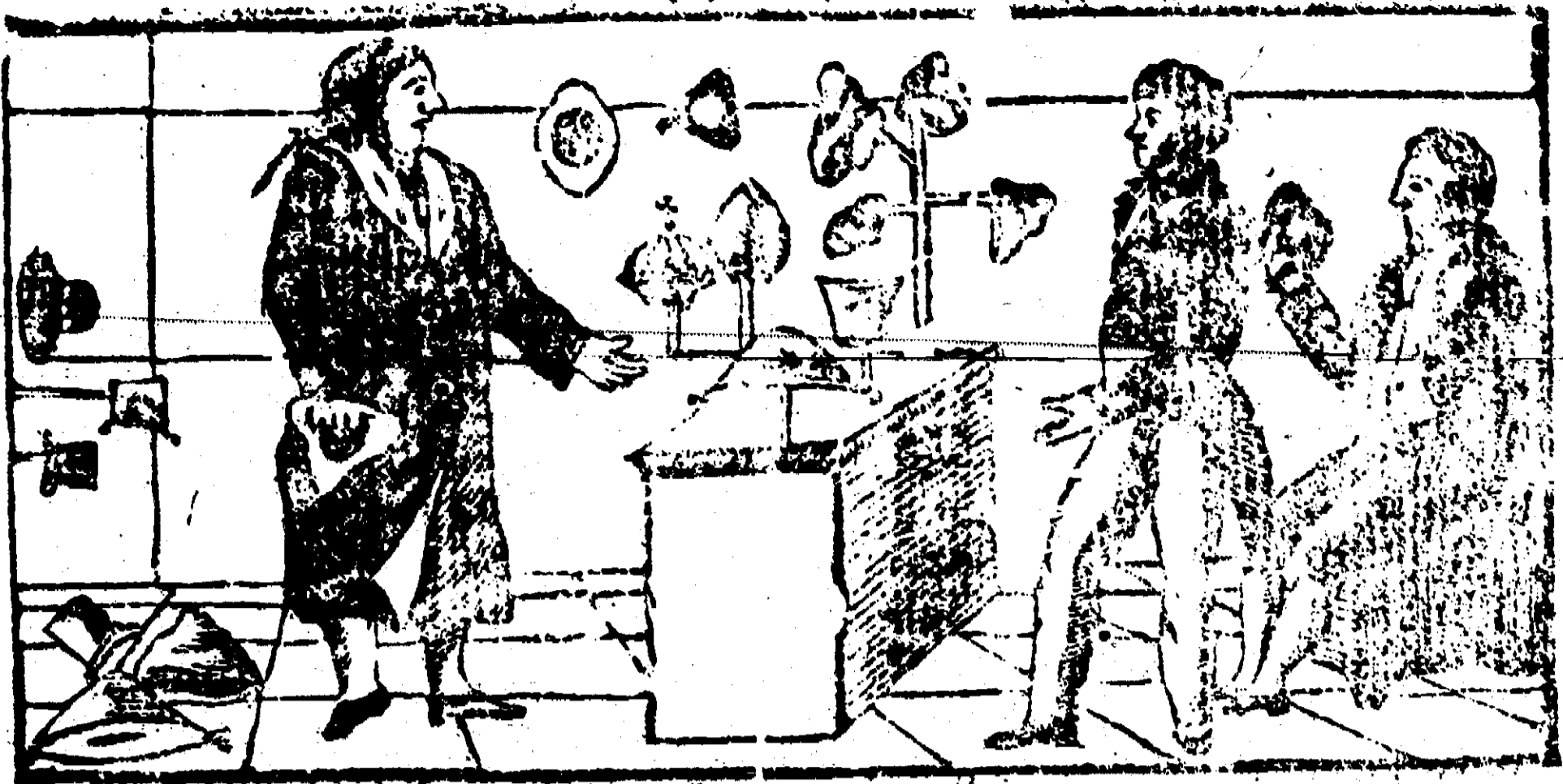


O
CARAPUCEIRO

15 DE ABRIL
DE 1840



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

Enthusiasmo, & &. (Continuado do
N. antecedente.)

Nem se diga, que huma moral religiosa nunca pode vir a ser universal, visto que o mundo superabunda de Religiões diferentes: pelo contrario eu entendo, que só ao espirito religioso cabe garantir á moral natural o caracter de universalidade, que lhe convem; porque em verdade se as Religiões differem, he alias incontroverso, que os principaes artigos da moral natural são o fundamento de todas as Religiões; dõnde resulta, que as maximas, e virtudes mais necessarias á conservação da sociedade humana são em toda a parte a salvaguarda da religiosidade, consciencia: ellas tem hum caracter de fixação, de certeza, e energia, que não poderão haver da sciencia dos homens. As Religiões são sim differentes; mas tracta-se do espirito religioso, desse espirito, que he commum a todos os cultos, e que em todos elles vivifica, alenta as boas acções, e torna se a alma universal da moral, e

centro de unidade em fim, no qual vem terminar tantas incertezas, tantos sistemas, que podem dividir, e descarrear o genero humano.

Mas para que são essas ceremonias (pergunta o incredulo) esses ritos, essas praticas, que não são a virtude, e desgraçadamente lhe usurpão o lugar? Que outra cousa são ellas, se não a superstição redusida a regras, e a principios? Não bastaria reconhecer hum Ente Supremo, e render-lhe as homenagens interiores, unicas, que são dignas delle?

Não permita Deos, que eu pretenda substituir as virtudes, e deveres por formulas: mas perguntarei antes de tudo ao incredulo, se huma Religião puramente abstracta poderá nunca tornar-se nacional, ou popular? Se deixará de intibiar-se para logo huma Religião destituida de culto publico? Não conduzirá ella infalivelmente a multidão á idolatria? Não he por ventura o culto, que conserva a doutrina? Huma Religião, que só fallasse aos sentidos continuaria ter a soberania das al-

MUTILADO

mas? Se nada reunisse os que professão a mesma crença, não haveria tantos systemas religiosos, quantos individuos? Poderia manter-se por muito tempo huma Religião destituida de instituições, e de praticas? Por ultimo não seria inteiramente apagada do coração de todos os homens? Accaso os Philosophos tornão-se anjos á força d'instrucção, e de luzes? E como poderão aguardar, que elevem os seus semelhantes á classe sublime de puras intelligencias?

Só se deve fazer (dizem) o que he util, e ensinar o que he razoavel. Bem: mas primeiramente cumpre assentar no que he razoavel, e no que he util. Reinará mais harmonia entre os Snrs. philophantes, depois que são irreligiosos? Não tem cada hum delles a sua opinião particular, e não se vê reduzido unicamente ao seu voto! Qual a verdade nova, que se haja descoberto a respeito da sciencia dos costumes? Entre tanto os Philosophos de hoje julgão-se mais sabios, que os de hontem. Na Alemanha a Philosophia moderna de Kant já foi suffocada pela Philosophia mais moderna de Fichte, e esta já se acha substituida pelo Ecletismo. Se há ainda alguma cousa de estavel, e constante he entre os que professão hum culto, e estão unidos pelos vinculos da Religião. Os mais não nos podem dizer no que creem: elles mesmos o não sabem: recebêrão o poder de destruir; não assim o de edificar.

Negar a utilidade dos ritos, e praticas em materia de Religião, e de Moral he dar prova de delirio, e de ineptia; porque he o mesmo que negar o imperio das noções sensiveis sobre entes, que não são puros espiritos, e negar igualmente a força do habito. Os ritos, e praticas são para a Moral, e para as verdades religiosas o que são os signaes para as ideias. Ao Christianismo he, que a Europa, e o universo deve a conservação da grande verdade da unidade de

Deos, da immortalidade d'alma, e de todos os mais dogmas da Theologia natural. Pelos ritos, e praticas Christãs he, que os homens mais simplicies, e grosseiros tornão-se mais firmes nestas verdades, e nestes dogmas, e tem ideias mais claras, e precisas do Ente Supremo, e do destino do homem, do que os Socrates, e Platões, isto he: do que os mais celebres philosophos d'antiguidade. Por isso em os ultimos tempos da façanhosa Revolução Franceza os Theophilantropos abrião templos, compuzêrão livros, e estabelecêrão ceremonias, tendo reconhecido a necessidade de fixar, e propagar o seu theismo por hum culto.

O mesmo atheismo absoluto quiz ter seus pontifices, seus ritos, e seus altares. Primeiramente dedicarão se templos á Razão: cantárão-se hymnos, e celebrarão-se festas em honra, e louvor desta fragil divindade. Ao depois melancolicos, e terriveis sectarios, que tomárão o abominavel titulo de *homens sem Deos*, reunirão-se em sociedade para conspirar contra o mesmo Deos. Estes desgraçados, levando a irreligião a ponto de furor, e de estupidez, ou sárão obrigar-se por juramento a delir em todos os espiritos, e corações a ideia, e sentimento do Deos vivo, e terrivel, cujo augusto nome só he capaz de garantir a fé dos juramentos; porque só a sua vista pode penetrar o abysmo das consciencias. Estes furiosos tinham assembléas periodicas, convocavão o povo, e o cathequização.

Elles procuravão intimidar por ameaças a aquelles, que recusavão adherir, ao menos por baixa condescendencia ao seu ensino criminoso. Apregoavão, que querião viver separados do mundo: professavão a hypocrita renuncia de todos os empregos; impunhão-se a lei de não assistir a nenhum festim, a banquete algum. Parecia, que taes individuos, ainda buscavão conservar alguma communicação com os de mais homens

só para disseminar por toda a parte o contagio, a morte, e o crime. Mas quem acreditará? Estes mesmos homens tinham instituido solemnidades. No meio dos seus templos estava posto hum volumoso registro, e este infame documento, onde escrevião os nomes, e acções dos que tinham a desgraça de ser recomendados por esses sacerdotes da impostura, e da mentira, era apresentado ao respeito, e adoração d'hum multidão insensata, e devia substituir entre as Nações o Deos do Céo, e da terra! Causa inaudicta, e até então sem exemplo! Não se queria mais, que a Religião tivesse culto, ao mesmo passo que a impiedade o obtinha! Que digo? Só a esta era permittido aceitar, e conservar seus fiéis, a ter em summa as formas, e aparato da Religião!

O incredulo parece sempre suppor, que a Religião he a fonte unica dos prejuizos, da superstição, e do fanatismo. Mas quem há hi, que ignore, que qual quer opinião religiosa, politica, ou philosophica pode produzir entuziasmas, e fanaticos? Meras questões de Grammatica tem chegado quasi aos extremos d'hum guerra civil. Logo os prejuizos, e superstição não partem unicamente das praticas, e ideias religiosas. O famoso Imperador Juliano, tão philosopho em seu governo, não se mostrou o mais supersticioso dos homens em suas ideias? Há incredulo, que deixa de crer em Deos para acreditar no diabo. Bem incredulos erão na meia idade Cardan, Pomponace, e Bodin, e entregaram-se ás praticas, e opiniões mais insensatas.

Os prejuizos não são certamente partilha exclusiva da Religião; porque se há prejuizos religiosos, tambem os há d'Estado, de Sociedade, e até de seculo. Prejuizos existirão, em quanto existirem homens. Em geral entende-se por prejuizo toda a opinião, que não formamos por nós mesmos, e só abraçamos de outrem; e deste modo assim a

verdade, como o erro podem tornar-se materia de prejuizos. Quantos homens adherem aos systemas de Copernico, ou de Newton, sem conhecer nenhuma das razões, em que se elles fundão! Se neste sentido se pode dizer, que a multidão tem a ferro ás verdades da Religião por prejuizo; tambem por prejuizo he, que ella abraça todas as opiniões verdadeiras, ou falsas, que vogão no mundo. Em toda a parte a sciencia he patrimonio de hum pequeno numero. Por ventura os mesmos incredulos, os scepticos mais obstinados o são todos com profundo conhecimento de causa? Tem elles examinado, e discutido os objectos de suas duvidas, ou de seu scepticismo com a attenção, que se presta aos mais pequenos negocios da vida? Se na lingua vulgar sempre se fallou na *fé do carvoeiro*; parece, que hoje com igual razão poderemos lastimar a *incredulidade do carvoeiro*. Quantos philosophantes d'orelha nenhum titulo tem para reclamar contra o posto obscuro, que agora lhe assigno!

O vocabulo *prejuizo* he algumas vezes exclusivamente applicado ao erro; e então sempre se toma pela má parte. Serve para designar toda a opinião, que nasce da ignorancia, do habito, d'hum enganosa insinuação, ou d'hum juizo precipitado. Neste sentido dizemos: os prejuizos d'Astrologia, o prejuizo do falso ponto de honra nos duelles, os prejuizos nacionaes, os prejuizos do tempo, &c. Mas ainda de baixo deste respeito qual he a classe de homens, em qualquer materia, que seja, que não tenha prejuizos? A mesma Philosophia não nos isenta de pagar este tributo á fraqueza humana. Geralmente he accusado o povo de cheio de prejuizos, de ser sempre seduzido por vãs apparencias, de nunca ver as cousas, se não por hum face, de crer em todos os rumores, de julgar ordinariamente da opinião pelas pessoas, e destas pelos postos, ou dignidades, que occupo.

O povo (diz se) teme a apparição das cometas; visto que por hum concurso fortuito grandes desgraças se são manifestado no anno, em que vemos os taes cometas. Elle crê, que o sol anda, e a terra está parada; porque a immobilitade desta, e o curso d'aquelle são para elle duas cousas apparantes. Confunde a simples alegação d'hum factocom a sua prova. Qualquer o illude, huma vez que ande bem trajado, e faça figura na sociedade. Tudo isto he incontestavel: mas tambem o não he o serem os philosophos povo, e muitas vezes mais que o mesmo povo? Comparemos, e julgemos.

O materialismo, e atheismo de huma grande parte dos nossos jovens mettidos a sabichões, não são acaso duas opiniões, a que podemos assignar os mesmos caracteres, e a mesma origem, que ás opiniões, e prejuizos mais grosseiros do povo? Sobre que fundamento creem taes materialistas, que a materia he, que pensa, e que Deus não existe? He, dizem elles, porque não vemos a Deos, e encontramos o pensamento unido a corpos organizados. Deste modo hum astronomo não he atheo, se não porque zanga-se de não achar a Deos na extremidade do seu telescopio, o jurista; porque não o vê demonstrado no Pascoal, e o medico torna-se materialista; porque a alma humana escapa aos instrumentos d'Anatomia, e nunca pô le cortar, v. g., pelo juizo, pela memoria, &c. com o seu escalpello.

Que mais faz o povo, quando crê no curso do sol, e na immobilitade do nosso globo? Elle fica nas apparencias, como o materialista, e atheo; e nisto ainda he mais excusavel, do que estes; porque relativamente á marcha apparente do sol, e á apparente immobilitade da terra elle nada encontra em si mesmo, que o possa desenganar: fora miser, que estivesse no caso d'examinar outros factos, que se lhe não podem

tornar facilmente sensiveis. Pelo contrario o materialista, e atheo achão em si o sentimento, e a intelligencia, que não tem nenhuma das propriedades da materia: elles encontrão em sua consciencia, e razão o dogma da necessidade d'huma Intelligencia Suprema: vozeão, que os corpos pensão, e a materia he eterna, confessando ao mesmo passo, que não concehem nem hum, nem outro destes dons mysterios; e tendo d'escolher ou estas trevas espessas, que parecem lançar hum véo funebre sobre o universo, ou verdades, que, posto que incomprehensiveis, se alão a todas as mais verdades conhecidas do sentimento, e da razão, sacrificio perpetuamente a realidade, cuja evidencia encontrão em seu espirito, e coração, a apparencias sem provas, que matão ao mesmo tempo o coração, e o espirito.

O povo (tambem se diz) admite as relações de causa, e d'effeito em os acontecimentos, cujo concurso não he as mais das vezes, se não obra do acaso, taes como a coincidência d'huma guerra, d'huma fome, ou d'huma peste com a apparição d'hum cometa. Mas quantos systemas physicos há, que provão, que em innumeradas occasiões os philosophos não tem tido outra Logica diferente da do povo! Nas Historias quantas revoluções politicas se não attribuem a causas, que não as produzirão!

O povo realiza chimeras: e os philosophos não realizão abstracções? Não há palavras obscuras, e inintelligiveis, que exercem sobre pretendidos philosophos o imperio tyrannico, que certas praticas exercem sobre a multidão? O povo crê em todos os boatos: e os philosophos não adoptão successivamente todos os systemas? Há hum só absurdo (diz o maximo Orador Romano) que não fosse estreado por algum sophista? O povo conduz-se por maximas sedicões: elle abraça por verdades incontestaveis proverbios, que não são, se não prejuizos: os philosophos querem levar tudo por generalidades vagas, que em sua applicação illimitada são simultaneamente prejuizos, e êcos.

(Continuar-se-há.)